
Maria das Graças Reis Nascimento

Psicóloga, psicoterapeuta, mestre em Psicologia Clínica,
concluindo formação em psicodrama
pela Casa das Cenas (Uberlândia - MG) e em
esquizodrama pela Fundação Gregório Barenblitt (Uberaba-MG)

COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL¹

A vida é a arte do encontro

Embora haja tantos desencontros pela vida

Vinicius de Moraes

É sobre-humano amar

José Miguel Wisnick

SINOPSE:

Utilizando a teoria psicodramática e letras de algumas músicas que cantam o amor, a autora analisa a complementaridade nas relações de casal, como um fator complexo e multifacetado, podendo contribuir para a estagnação ou

¹ Artigo enviado para o concurso “Leitura Psicodramática do Cotidiano”, da FEBRAP, em novembro/96.

para o enriquecimento e espontaneidade da relação e dos personagens envolvidos.

ABSTRACT:

Using psychodramatic theory and the words of some songs that sing love, the author analyses the complementarity in couple relations, as a complex and multifaceted factor, that can as well contribute to stagnation or to enrichment and spontaneity of the relationship and the involved characters.

UNITERMOS:

Casal, complementaridade, papéis, vínculos, projeto dramático, canções de amor

UNITERMS:

Couple, complementarity, roles, relationships, dramatic project, love songs

Quando duas pessoas se escolhem para uma vida em comum, o que estarão buscando? Que critérios presidem essa escolha? Será que acreditam ter encontrado a “outra metade da laranja” ou a “alma gêmea”, como querem as

expressões populares? Será que esperam, através do amor, a garantia de que “serão felizes para sempre”, como nos contos de fadas? Será que sabem que o papel de amantes é apenas uma parcela do que vão compartilhar pela vida afora? Será que imaginam estar levando para a relação um mundo de desejos, sonhos e expectativas inconscientes?

*Ah, se ao te conhecer, dei pra sonhar fiz tantos desvarios
Rompi com o mundo, queimei meus navios
Me diz pra onde é que inda posso ir*

Chico Buarque

O objetivo do presente trabalho é discutir algumas dessas questões, que permeiam o cotidiano das pessoas, utilizando-me sobretudo da teoria psicodramática, e da poesia de compositores como Chico Buarque, que souberam como ninguém cantar o amor e seus percalços.

A idéia do amor como uma experiência de fusão e completude aparece, não só nas canções, expressões populares e contos de fadas como os citados acima, mas também nos mitos, na literatura (por exemplo, no belíssimo *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, em que o preço dessa fusão é a morte), na filosofia (como no *Banquete*, de Platão, quando descreve a primitiva

natureza do homem), e em inúmeras outras produções humanas, revelando ser esse um sonho que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais.

Você tem de me fazer um juramento

De só ter um pensamento: ser só minha até morrer.

Vinicius de Moraes

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem

Chico Buarque

Para começar a discutir esses aspectos, vou referir-me a um conceito central na teoria psicodramática: o de papéis, que traz em si a idéia de complementaridade. Moreno conceitua *papel* como *os aspectos tangíveis do que se conhece como ego* (6, p.214); envolve sempre um contrapapel ou papel complementar.

Para Perazzo, “*quando as pessoas entram em contato umas com as outras, é construído entre elas um objetivo comum (projeto dramático), que norteia a complementaridade de papéis naquele processo relacional que se estabelece e, conseqüentemente, todos os atos necessários para que tal complementaridade se cumpra*” (8, p.49).

A complementaridade está, pois, presente em qualquer relação, porém assume características bastante peculiares no vínculo conjugal (aqui entendido como um projeto de vida em comum, independente dos aspectos legais). Acredito ser essa a relação mais significativa e mais complexa que duas pessoas possam viver. Sobretudo porque, sendo uma relação dual, e que possibilita a maior intimidade e entrega, cada um leva para a mesma expectativas irrealistas, sobretudo aquelas originadas das experiências vividas nas primeiras fases da matriz de identidade, ou seja, no começo da infância, quando o bebê experimenta a mãe como sendo parte dela mesma, numa relação de total dependência (6).

Se nós, nas travessuras das noites eternas

Já confundimos tanto as nossas pernas

Diz com pernas eu devo seguir

Se na bagunça do teu coração

Meu sangue errou de veia e se perdeu

(...)

Me explica com que cara eu vou sair

Chico Buarque

A matriz de identidade constitui, para Aguiar (1), um caso particular de *vínculo residual*, ou seja, de vínculos vividos no passado e que se encontram desativados, existindo somente no plano da fantasia; alguns

permanecem apenas como lembranças; outros, porém, se perpetuam, constituindo modelos relacionais. Nesse último caso, estaríamos falando de transferência, que em alguma medida vai estar presente em todos os vínculos.

Para melhor compreensão da dinâmica subjacente à transferência, parece-me útil recorrer às idéias de Bustos sobre o tema. Esse autor observa que, os papéis existindo desde o nascimento, os pais são os *complementares primários*. A partir da vivência com esses primeiros personagens que contracenam conosco, vão-se configurando *clusters* ou cachos de papéis, que se agrupam segundo sua dinâmica: “o primeiro depende do complementar materno, responsável por funções de dependência e incorporação; o segundo depende do complementar paterno, gerando a matriz dos papéis ativos. Ambos têm como complementar único: mãe e pai ou os adultos que desempenham esse papel”. (2, p.76) Mais tarde, na relação com irmãos ou companheiros, aparece o terceiro *cluster*, que determinará as relações de paridade.. Essas dinâmicas básicas vão constituir possibilidades alternativas no desempenho de todos os papéis.

No decorrer de seu desenvolvimento, a criança aos poucos se desprende dos complementares primários para admitir outros papéis complementares. Se

ela não encontra as condições de segurança necessárias a essa separação, irá se apegar ao complementar primário, configurando o que Bustos denomina *complementar interno patológico*, que descreve a dinâmica subjacente à transferência. “*Esse papel complementar bloqueia em diferentes graus a relação com outros adultos, ficando como parte constitutiva permanente dos vínculos que entabula nos papéis que correspondam a esse cluster. Quanto mais massiva for essa circunstância, maior o grau de incapacidade relacional de uma pessoa, menor sua capacidade de reações espontâneas, por conseqüência maior ansiedade*”. (2, p.77)

Não sei se é meu destino, não sei se é meu azar

Mas tenho de viver brigando (...)

Se deixo de alguém por falta de carinho,

Por briga e outras coisas mais

Quem aparece no meu caminho

Tem os defeitos iguais

Lupicínio Rodrigues

Importante ressaltar que, como enfatiza Aguiar (1), os vínculos residuais não se limitam à matriz de identidade. No âmbito de que trata esse artigo, vejo como exemplo de vínculo residual o de uma relação amorosa vivida

intensamente, porém interrompida por circunstâncias trágicas, como a morte de um dos parceiros, e que permanece como um fantasma inviabilizando ou dificultando outros vínculos.

Aguiar diferencia ainda dois tipos de vínculos, além dos residuais: *atuais e virtuais*. O *vínculo atual* é o que se verifica nas relações concretas, cujo “projeto dramático” é definido pelo papel, ou seja, pelos objetivos convencionados, implicitamente ou explicitamente, pelos parceiros. Os *vínculos virtuais* são aqueles “*que o sujeito estabelece com objetos/personagens imaginários ou míticos (como o ‘príncipe encantado’, por exemplo), ou muito distante de sua realidade concreta, embora reais (um ídolo artístico ou político, por exemplo)*” (1, p.60-61).

Uma outra forma de vínculo virtual a que se refere o autor é o modelo relacional ideológico, que a pessoa aprende e apreende no decorrer da vida, através de uma doutrinação sutil. Na relação conjugal, observa-se a prescrição de condutas bastante diferenciadas e estereotipadas para o homem e a mulher dentro do casamento, contribuindo para atritos, frustrações e dificultando o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, muitas vezes independentes do gênero a que pertence.

Ele é o empregado discreto

E ela engoma o seu colarinho

Vão viver sob o mesmo teto

Até explodir o ninho

Ele faz o macho irrequieto

E ela faz criança de monte

Vão viver sob o mesmo teto

Até secar a fonte

Ele às vezes cede um afeto

E ela só se despe no escuro

Vão viver sob o mesmo teto

Até um breve futuro

Chico Buarque

Podem-se facilmente visualizar os problemas que, na relação de casal, surgem nesses vários níveis. Um exemplo bastante comum, quanto ao “projeto dramático”, é quando um dos cônjuges se casa por amor e o outro busca apenas alguém que o sustente ou cuide dele. No que se refere aos vínculos virtuais, o mais marcante é o do “príncipe encantado”. Muitas mulheres vivem a relação com sua família de origem como uma prisão, e sonham com um príncipe que virá libertá-las; modernamente, poderíamos

pensar nos personagens de novelas ou nos ídolos que a mídia permanentemente consagra, idealizados como “o amante perfeito”. Como o parceiro nunca se igualará a esse personagem sonhado, o desencontro será inevitável.

Como observa Di Yorio, psicodramatista e analista junguiana, “*no plano inconsciente, o outro, geralmente, é o correspondente de uma imagem preexistente na psique, como uma peça de teatro já escrita, em que o personagem estivesse à espera do ator*” (3, p.18).

Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida eu vou te amar

Desesperadamente, eu sei que vou te amar

Tom Jobim/Vinicius de Moraes

Essa característica, porém, se constitui um complicador, por reativar fontes primárias de ansiedade, por outro lado torna esse vínculo potencialmente muito rico. Ainda segundo a mesma autora, a relação conjugal constitui uma ponte para o inconsciente. “*As fantasias correspondentes ao parceiro idealizado (...) dirigem o indivíduo na busca de alguém que pode representar uma promessa reparatória de vivências passadas (...). Trata-*

se aqui de uma forma de projeção defensiva da psique. Por outro lado, a escolha desse alguém pode representar um caminho criativo para o desenvolvimento mútuo das personalidades envolvidas.” (3, p.21)

As idéias dessa autora parecem estar em consonância com as de Perazzo, quando observa que *“a transferência está presente em qualquer processo de co-criação, não sendo necessariamente obstrutiva ou paralisadora, mas, muitas vezes, se constitui até como aquilo que movimenta essa co-criação, em razão da feição particular que adquire uma dada complementaridade de papéis, na própria ação de seu desempenho, viabilizando um **projeto dramático manifesto** (co-consciente) pela **impulsão co-inconsciente de um projeto dramático latente**”.* (8, p.53)

Ou seja, para Perazzo, tal como para Di Yorio, os propósitos transferenciais co-inconscientes não necessariamente obstruem a co-criação, podendo até mesmo contribuir para seu desenvolvimento. De acordo com essas idéias e voltando à expressão cunhada por Bustos (*complementar interno patológico*), parece que o patológico aí seria, não a existência em si da transferência, já que essa está sempre presente em qualquer projeto de co-criação, e sim a forma como ela se manifesta e é vivida em cada vínculo.

Um outro conceito que me parece esclarecedor para essa questão é o de Júlia Motta, em seu trabalho sobre jogos, de *repetição circular e repetição em espiral*. Para essa autora, a repetição é uma necessidade do homem na construção de uma verdade interna. O adoecer ocorre quando ele repete sem sair do lugar, voltando sempre ao mesmo ponto, bloqueando a própria capacidade criativa. Na repetição em espiral, porém, “*enquanto repete, vai caminhando dentro de si, se reconhecendo e ampliando limites.*” (7, p.73)

A interferência dos vínculos residuais e virtuais nos vínculos atuais constitui uma forma de repetição, uma tentativa reiterada de resgatar algo já vivido ou apenas sonhado. Porém, muitas vezes ela se faz necessária, como uma etapa na construção de um vínculo espontâneo e criativo, ou até como momentos na vida de um casal.

Quando a complementação é não-criativa, a relação conjugal configura uma repetição circular. Em muitos casos, há uma harmonia aparente, porém que não abre espaço para o novo, constituindo-se numa proteção que aprisiona e sufoca, com a ilusão de ser doce. Lembra-nos o conceito de “loucura da normalidade”, de que fala Arno Gruen, que se caracteriza pela fuga ao sofrimento. “*Para aqueles que se apropriam da aparência de um comportamento ‘normal’ porque não conseguem suportar a tensão das contradições entre a realidade que nos é imposta e o mundo interior, para*

*gente assim, muito rapidamente deixa de haver sentimentos verdadeiros.
(...) São estas as pessoas que quero apresentar como realmente loucas
entre nós.” (4, p.26-27)*

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã*

Chico Buarque

Outras vezes, o casamento se constitui num inferno, necessário, entretanto, à sobrevivência do casal. Até o diferente, aí, é sempre o mesmo. Trata-se também de uma prisão, em que ambos são vítimas e algozes. De certa forma, esse tipo de vínculo é mais promissor, porque pode levar os personagens envolvidos a buscar ajuda para se libertar. Porém é também mais perigoso na medida em que a libertação pode ser buscada através da morte - de si mesmo ou do outro.

*Todo dia ele faz diferente
Não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente
Não sei se ele fica na sua
(...)*

Dia ímpar tem chocolate
Dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa

Chico Buarque

Essas relações cristalizadas repetem padrões de relacionamento, cuja mudança seria extremamente ameaçadora, tanto à relação do casal quanto a cada um dos atores do drama.

Ele é o funcionário completo
E ela aprende a fazer suspiros
Vão viver sob o mesmo teto
Até trocarem tiros
Ele fala em cianureto
E ela sonha com formicida
Vão viver sob o mesmo teto
Até que alguém decida
(...) Vão viver sob o mesmo teto
Até que a morte os una

Chico Buarque

A música de Chico, citada acima e na pág. 9, aponta para uma outra característica da relação conjugal: trata-se de um vínculo que congrega uma multiplicidade de papéis - de amantes, companheiros, co-responsáveis pela educação e manutenção dos filhos, e pela administração e manutenção de uma casa, além de muitos outros que vão depender do projeto de cada casal. Ou seja, envolve aspectos afetivos, sexuais, sociais, econômicos e políticos, bem como conceitos, valores e atitudes em relação a todos esses aspectos.

Um conceito útil nesse sentido é o de papéis paralelos. *“Tem-se papéis paralelos quando, numa dada relação, a consecução do projeto comum permite ou mesmo exige o uso de modelos relacionais próprios de outras relações (ou de outros projetos). (...) No papel homem-mulher há sempre um conteúdo ‘paternal’, próprio de outro tipo de projeto, que é o papel pai-filha.”* (1, p.118) Considerando o que foi dito acima, penso que na relação conjugal se poderiam acrescentar muitos outros papéis paralelos, com prescrições diferentes e até contraditórias. Ao mesmo tempo, esses papéis se imbricam, às vezes, de forma criativa; outras, de forma paralisadora.

As relações saudáveis e criativas possibilitam que se viva uma multiplicidade de papéis e personagens no decorrer da vida. Assim, a

complementação também muda dependendo do momento vivido pelo casal. Se um dos cônjuges vive uma situação de maior fragilidade, o outro pode complementar com a função materna, de conter e proteger; se o momento é de desafio, entra a função paterna de estimular a autonomia e autoafirmação; se vêm os filhos, aprendem a dividir o afeto, revigorando-se através do convívio com a criança e o jovem; cada mudança traz novos desafios e novas oportunidades. Podem também experimentar inversões de papéis, ou seja, assumir funções que são tradicionalmente atribuídas ao(à) companheiro(a), possibilitando a descoberta de capacidades e interesses não imaginados. Enfim, as combinações são infinitas, quando o casal se permite a criatividade e espontaneidade em sua relação. Como observa Denise G. Ramos, na apresentação do livro de Di Yorio, “*embora sejam inúmeros os tipos de casais, eles são finitos quando neuróticos. Só os relacionamentos saudáveis são criativos e imprevisíveis.*” (3, p.9)

Não se pense, porém, que a relação saudável não tem sofrimento. Pelo contrário, pode até, em alguns momentos, ser mais dolorosa do que a estagnação ilusória do vínculo “adaptado”. Isto porque toda relação implica conflitos, sejam estes resultantes da próprio vínculo ou do que este mobiliza, em termos do confronto com aspectos mais vulneráveis da personalidade

individual. E, no mesmo vínculo, podem se alternar momentos de criatividade com outros de destrutividade ou estagnação.

Para Merengué, *“a relação amorosa, mais que qualquer outra, coloca os seres humanos próximos do céu e do inferno (muitas vezes misturados e confundidos). Dificilmente uma relação entre adultos permite tanta aproximação e tanta distância. A intensidade e a significação do vínculo permite transferencialidades e telecidades diversas e inusitadas.”* (5, p.70)

E ainda, referindo-se aos jogos de casais, que, a partir das idéias de Motta, classifica como circulares ou em espiral:

“A certeza da circularidade garante a ordem da subjetividade rígida. A incerteza da espiral, a desordem da criação de novas subjetividades vinculares.

Apaixonar-se em círculo não provoca mudanças. Apaixonar-se em espiral atende aos riscos da vida, nem sempre boa, nem sempre má, mas certamente intensa.” (5, p.71)

“É sobre-humano amar sentir doer gozar ser feliz

(...) a vida leva e traz

a vida faz e refaz

(...) é sobre-humano viver

José Miguel Wisnick

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. AGUIAR, M. **O Teatro Terapêutico:** Escritos psicodramáticos. Campinas, Papirus, 1990. p.47-63; 117-119.
1. BUSTOS, D.M. **Perigo... Amor à Vista.** São Paulo, Aleph, 1990. p. 71-78.
1. DI YORIO BENEDITO, V. **Amor Conjugal e Terapia de Casal:** Uma abordagem arquetípica. São Paulo, Summus, 1996. p.9; 15-25.
1. GRUEN, A. **A Loucura da Normalidade.** Lisboa, Assírio & Alvim, 1995. p.17-37.
1. MERENGUÉ, D. *Jogos de casal: esconder e encontrar o protagonista.* In: MOTTA, J. (org.) **O Jogo no Psicodrama.** São Paulo, Ágora, 1995. p.65-72.
1. MORENO, J.L. **Psicodrama.** São Paulo, Cultrix, 1993. p. 206-216.
1. MOTTA, J.M.C. **Jogos: Repetição ou criação?** Abordagem Psicodramática. São Paulo, Plexus, 1994. p.53-75

1. PERAZZO, S. **Ainda e Sempre Psicodrama**. São Paulo, Ágora, 1994. p.33-53
-

Endereço da Autora:

Rua David Canabarro, 1052 - J. Umuarama

CEP 38405-351 - Uberlândia - MG

Fone: (034) 232-4769

COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL*

RESUMO

Algumas das questões discutidas nesse trabalho são:

Quando duas pessoas se escolhem para uma vida em comum, o que estarão buscando? Que critérios presidem essa escolha? Será que acreditam ter encontrado a “outra metade da laranja” ou a “alma gêmea”, como querem as expressões populares? Será que esperam, através do amor, a garantia de que “serão felizes para sempre”, como nos contos de fadas? Será que sabem que o papel de amantes é apenas uma parcela do que vão compartilhar pela vida afora? Será que imaginam estar levando para a relação um mundo de desejos, sonhos e expectativas inconscientes?

Utilizando basicamente a teoria psicodramática e letras de algumas músicas que cantam o amor, a autora analisa a complementaridade nas relações de casal, como um fator complexo e multifacetado, podendo contribuir para a estagnação ou para o enriquecimento e espontaneidade da relação e dos personagens envolvidos.

Entre os fatores analisados, destaca-se a transferência, particularmente significativa por se tratar de uma relação dual e a mais íntima que duas pessoas possam viver. Esse fator está presente desde a escolha do parceiro, e pode levá-los ao caminho da auto-descoberta e da individuação, ou pode aprisioná-los na armadilha da simbiose e do ódio. No primeiro caso, teríamos a “*cura pelo amor*”; o rompimento da simbiose ou do inferno em que se constitui o segundo só pode se dar pela separação ou através de ajuda profissional.

Outros fatores contribuem para tornar esse vínculo extremamente complexo: os mitos e expectativas que geralmente se levam para o casamento, os estereótipos do papel de gênero, e a multiplicidade de funções envolvidas na relação conjugal.

Os caminhos seguidos por cada casal vão depender, em grande medida, do grau de saúde ou doença da relação, ou seja, em que a medida esta constitui uma repetição circular ou em espiral, caracterizando no último caso um

processo de aprendizagem e modificação de si mesmos e do mundo em que estão inseridos.

* Trabalho apresentado em enfoque psicanalítico na VI Jornada de Psicanálise do Triângulo Mineiro, em dezembro/96.

Uberlândia, 30 de abril de 1997.

À
Revista Brasileira de Psicodrama
Diretoria de Divulgação e Comunicação da FEBRAP
Rua Cardoso de Almeida, 23 - cj. 106 - Perdizes
05013-000 SÃO PAULO - SP

Prezados Senhores,

Conforme solicitação de V. S^{as}. à Casa das Cenas, estou encaminhando o artigo de minha autoria COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL (3 cópias em papel e o respectivo disquete, digitado no Programa Word 6.0), para publicação no próximo número da Revista.

Atenciosamente,

Maria das Graças Reis Nascimento

CONCURSO:
LEITURA PSICODRAMÁTICA DO COTIDIANO

COMPLEMENTARIDADE NAS
RELAÇÕES DE CASAL

Maria das Graças Reis Nascimento

Psicóloga, psicoterapeuta, mestre em Psicologia Clínica,
concluindo formação em psicodrama
pela Casa das Cenas (Uberlândia - MG) e em
esquizodrama pela Fundação Gregório Barenblitt (Uberaba-MG)